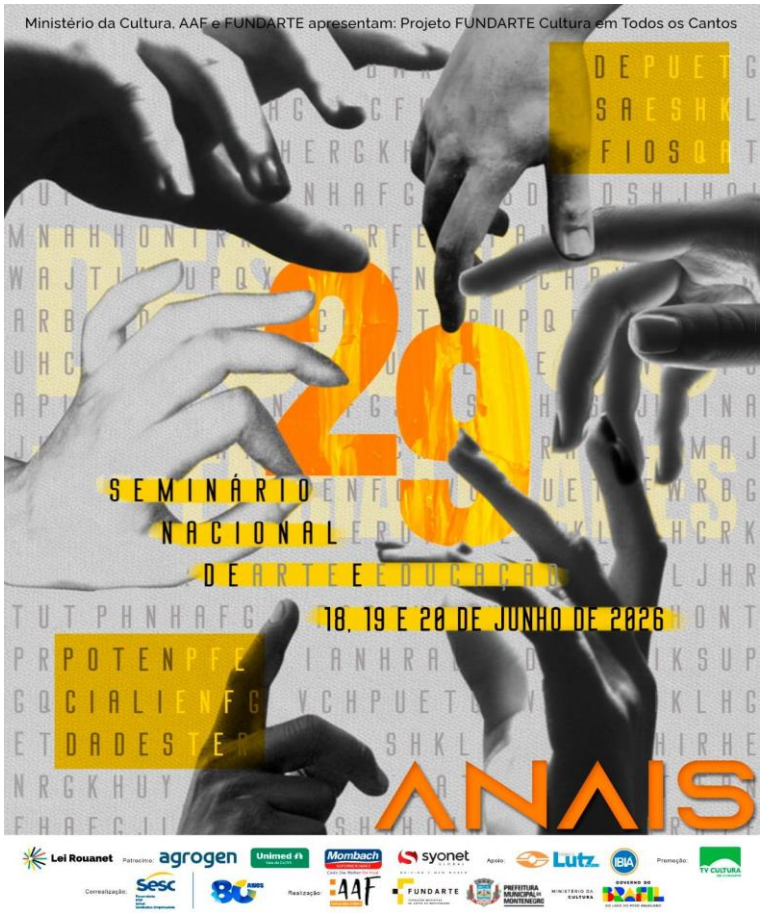


TERRITÓRIOS DO AFETO: ARTE, MEMÓRIA E COTIDIANO NA FORMAÇÃO ESCOLAR

Lorena Albuquerque
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa-PB, Brasil

Resumo

O presente relato apresenta a sequência didática *Territórios do Afeto: Arte, Memória e Cotidiano na Experiência Escolar*, desenvolvida com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio Piragibe, em João Pessoa-PB, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Artes Visuais. A proposta compreendeu a arte como linguagem capaz de mediar processos de construção de sentidos sobre o mundo, valorizando as experiências cotidianas das crianças, suas memórias, afetos e relações com os territórios que habitam. Estruturada em dez encontros, a sequência articulou práticas artísticas, apreciação de referências visuais brasileiras e paraibanas, observação sensível, cultura popular, narrativas indígenas, paisagens afetivas e visualidades urbanas. Fundamentada nas contribuições de bell hooks, Paulo Freire e Rita Irwin, a proposta buscou construir experiências educativas baseadas no diálogo, na escuta e na produção coletiva de conhecimento. A culminância ocorreu na elaboração de uma cartografia visual afetiva, reunindo memórias, produções e experiências

desenvolvidas ao longo do percurso. A experiência evidenciou o potencial do ensino de Arte na construção de vínculos entre escola, território e comunidade, fortalecendo processos de pertencimento, reconhecimento cultural e formação sensível.
Palavras-chave: arte-educação; território; memória; ética do amor; a/r/tografia.

1. Introdução

As experiências escolares constituem espaços privilegiados para a construção de relações entre memória, cultura, identidade e território. No ensino de Arte, essas relações podem ser potencializadas por meio de práticas que valorizem as experiências dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos produtores de conhecimento, cultura e significados.

Este relato apresenta a sequência didática *Territórios do Afeto: Arte, Memória e Cotidiano na Experiência Escolar*, em desenvolvimento com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio Piragibe, em João Pessoa-PB, durante as atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Território do afeto é compreendido aqui como os espaços que construímos através de nossas relações, memórias, experiências e vínculos emocionais, sejam eles físicos, simbólicos, culturais ou imaginários. Para além de um lugar geográfico, esses territórios de memória se constroem no lugar que ganha significado porque fomos afetados por ele e porque também o afetamos. A rua onde alguém cresceu, a casa de uma avó, uma feira popular, uma paisagem que desperta lembranças, uma festa tradicional da comunidade, até mesmo um objeto, uma música ou uma fotografia podem funcionar como esses territórios afetivos. Partindo da perspectiva da educação e da arte, os territórios do afeto são imprescindíveis no ensino infantil, porque ajudam as crianças a compreender que o conhecimento não vem exclusivamente de conteúdos escolares, ele também se manifesta nas experiências vividas, das memórias e das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo e com o espaço. A proposta parte da seguinte questão: de que maneira a arte pode contribuir para que as crianças reconheçam seus territórios cotidianos como espaços de memória, pertencimento e produção cultural? Partindo dessa inquietação, foi elaborado um percurso pedagógico que busca aproximar os estudantes de suas próprias experiências, utilizando a arte como ferramenta para observar, interpretar e ressignificar os espaços que compõem suas vidas. Com isso foi pensado em desenvolver uma sequência didática que criaria um percurso visual

por essas práticas, convidando as crianças a olhar para o cotidiano com mais atenção e sensibilidade. Esse percurso tem como objetivo caminhar por atividades relacionadas à memória escolar, cultura popular, narrativas indígenas, paisagens afetivas e visualidades urbanas locais, culminando na construção coletiva de uma cartografia visual afetiva.

A sequência está organizada em dez encontros que articulam experimentação artística, investigação visual e diálogo com diferentes referências culturais presentes no contexto paraibano. Inicia com atividades voltadas à observação do cotidiano escolar e ao compartilhamento de memórias individuais e coletivas, como uma espécie de sondagem investigando o repertório imagético dos estudantes. É sempre relacionado como o afeto está no 'afetar', tomando a escola como um espaço de experiências, encontros e construção de narrativas. Em seguida, são introduzidas discussões sobre cultura popular e patrimônio cultural, aproximando os estudantes de manifestações como a literatura de cordel e a xilogravura, a partir da produção de artistas como J. Borges e Mestre Vitalino com sua relação com o barro e a comunidade, sendo ferramentas de construção de sentido e identidade. As atividades propõem reflexões sobre a circulação de imagens, histórias e saberes populares, incentivando processos de criação , como colagens, carimbos com formas e cores inspirados na leitura dessas linguagens, e relação com as vivências individuais dos estudantes sobre essas visualidades.

O percurso também contempla o contato com narrativas indígenas por meio das produções de Jaider Esbell e da exibição do curta *Mitos Indígenas em Travessia*, realizado pelo Instituto Energisa em parceria com povos indígenas de Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Essas referências, somadas às investigações sobre os grafismos e inscrições rupestres da Pedra do Ingá, apresentam diferentes cosmologias e modos de compreender a relação entre seres humanos, natureza, memória e território, ampliando o repertório dos estudantes sobre outras formas de produzir conhecimento, narrar experiências e interpretar o mundo. Ao entrar em contato com essas narrativas e visualidades, os estudantes são convidados a refletir sobre a ideia de pertencimento a um organismo vivo e interdependente, no qual pessoas, animais, plantas, rios e demais elementos da natureza estabelecem relações de coexistência e cuidado. A Pedra do Ingá surge nesse contexto como um

importante patrimônio arqueológico e cultural paraibano, possibilitando discussões sobre memória ancestral, marcas deixadas no território e diferentes formas de registro e comunicação ao longo do tempo. As atividades desenvolvidas a partir dessas referências dialogam com práticas de desenho, criação de símbolos com pigmentos naturais e elaboração de narrativas visuais através de zines, incentivando a experimentação artística inspirada nos imaginários, histórias, grafismos e cosmologias apresentados.

Nos encontros seguintes, o olhar é direcionado para as paisagens e visualidades presentes no entorno dos estudantes, tendo como referência a produção do artista paraibano Guto Oca. A partir de trabalhos como *Devaneios da Rua*, são discutidas as relações entre olhar, cor, pertencimento e as formas de vida que constituem o cotidiano urbano. Sua produção, marcada pelas caminhadas pela cidade e pela coleta de materiais e experiências do espaço público, possibilita refletir sobre como os lugares nos afetam e, ao mesmo tempo, são transformados pelas nossas presenças, memórias e vivências. Nesse contexto, os estudantes são convidados a observar elementos da arquitetura, dos espaços públicos, das manifestações culturais e das imagens que compõem o cotidiano de João Pessoa, reconhecendo as múltiplas narrativas presentes na paisagem urbana. Essa investigação também dialoga com as colagens de Bel Borba como em sua exposição *Intervém Urbano* que aconteceu na cidade de Salvador em 2014. Onde, através de intervenções artísticas sobre fotografias cotidianas, os muros de fachadas e estruturas arquitetônicas se transformam em suportes para a criação artística, ampliando as possibilidades de perceber a cidade como um espaço de expressão, memória e encontro.

As observações, registros e reflexões produzidos ao longo dessas investigações tornam-se matéria para experimentações em desenho, colagem, composição visual e criação coletiva. Ao longo de todo o percurso, as atividades estimulam a construção de repertórios visuais e afetivos conectados às vivências dos participantes. Como desdobramento dessas experiências, os registros produzidos durante os encontros são reunidos na elaboração de uma cartografia visual afetiva, concebida como uma produção coletiva que articula memórias, referências culturais, paisagens, histórias e percepções construídas ao longo do processo.

2. Território, experiência e a ética do amor

A proposta fundamenta-se na compreensão de que a educação deve partir das experiências concretas dos sujeitos. Paulo Freire (1996) afirma que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, indicando que os conhecimentos construídos pelos estudantes em seus cotidianos constituem importantes pontos de partida para os processos educativos. Nessa perspectiva, a escola torna-se um espaço de diálogo entre saberes, experiências e culturas.

As reflexões de bell hooks ampliam essa compreensão ao defender uma educação baseada na construção de comunidades de aprendizagem. Para a autora, ensinar é um ato que envolve compromisso, cuidado e responsabilidade, sendo atravessado pelo que denomina ética do amor. Em *Tudo Sobre o Amor* (2021), Hooks compreende o amor como prática ética fundamentada no respeito, no cuidado e no reconhecimento do outro. Já em *Ensinando a Transgredir* (2013), a autora propõe uma educação capaz de romper hierarquias tradicionais e promover relações pedagógicas mais democráticas.

Ao pensar o ensino de Arte a partir dessas contribuições, compreende-se a sala de aula como espaço de escuta, acolhimento e produção compartilhada de sentidos. As memórias, afetos e experiências das crianças deixam de ocupar uma posição periférica e passam a constituir elementos centrais do processo educativo.

3. Metodologia

A experiência foi construída a partir dos princípios da A/r/tografia, metodologia proposta por Rita Irwin e colaboradores, que articula os papéis de artista, pesquisador e professor em processos de criação e produção de conhecimento. Nessa perspectiva, arte, pesquisa e ensino constituem dimensões inseparáveis da prática educativa.

A sequência didática foi pensada para ser desenvolvida em dez encontros de Artes Visuais com cerca de 22 estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, com faixa

etária entre 6 e 8 anos. O percurso metodológico partirá das experiências dos estudantes e de suas relações com a escola, a comunidade e a cidade, compreendendo esses espaços como territórios de investigação estética e cultural. As aulas da sequência são estruturadas em três momentos: contextualização, atividade prática e apreciação e reflexão. As atividades pensadas devem envolver rodas de conversa, passeios de observação sensível e práticas como desenhos, colagens, modelagem em argila, produção de zines, gravuras adaptadas, experimentação com pigmentos naturais, mapeamentos afetivos e intervenções sobre imagens urbanas. Em todos os encontros, a produção artística deve ser compreendida como forma de investigação e reflexão sobre os contextos vividos pelas crianças.

4. Relato de percurso trilhado

O percurso iniciou-se com a primeira aula de sondagem, onde foi trabalhada a observação do cotidiano escolar na perspectiva dos estudantes e as memórias afetivas relacionadas ao ambiente. Surgiram relatos de momentos vividos com familiares, fotografias de avós, brincadeiras com amigos na quadra da escola e outras experiências marcantes do cotidiano. Foi uma aula permeada por conversas e reflexões sobre como nos sentimos em relação às memórias e sobre como elas permanecem em constante movimento, sendo revisitadas e ressignificadas ao longo do tempo. Os estudantes desenharam suas memórias afetivas em espaços da escola, permitindo identificar recorrências entre os trabalhos produzidos. As repetições observadas nos desenhos trouxeram novas percepções sobre coletividade e memória compartilhada, evidenciando como determinados lugares escolares adquirem significados semelhantes para diferentes sujeitos.

Em seguida, foram desenvolvidas atividades voltadas à cultura popular nordestina, o que coincidiu com a proximidade do evento de São João da escola, previsto no Projeto Político-Pedagógico (PPP). A partir de diálogos com a professora de Artes e supervisora do PIBID, Marcella Loureiro, foi proposta a inserção do tema nas aulas como forma de preparação das crianças para o evento, que também servirá como

espaço de culminância das produções desenvolvidas ao longo desse período. Dessa maneira, tornou-se possível dar continuidade à sequência didática estabelecendo relações entre cultura popular, memória coletiva e patrimônio cultural.

Na aula mais recente, o foco esteve voltado para a arte popular e suas relações com as identidades culturais nordestinas. Foi apresentado o trabalho do ceramista Mestre Vitalino, destacando sua produção artística como registro do cotidiano, das festas populares, do trabalho, das crenças e dos costumes do povo nordestino. A partir dessa referência, foram discutidas as festas juninas não apenas como celebrações festivas, mas também como manifestações culturais que produzem pertencimento, fortalecem memórias coletivas e contribuem para a construção das identidades locais. Os estudantes demonstraram grande interesse pelo tema, especialmente em razão da proximidade das programações juninas da escola. No entanto, o tempo destinado à aula acabou sendo comprometido pelas discussões e momentos de participação coletiva, reduzindo o período disponível para a atividade prática. Como proposta de experimentação, foi lançado o desafio de “transformar a tesoura em lápis”, incentivando os estudantes a desenharem por meio do recorte em vez do traço convencional. A atividade buscava aproximá-los da linguagem da colagem e estimular novas formas de construção da imagem.

Figura 1 - Testes de recortes com tesoura de signos juninos.



Fonte: arquivo pessoal, 2026.

Figura 2 - Atividade de desenho com tesoura de signos juninos.



Fonte: arquivo pessoal, 2026.

Durante o processo, foi possível observar dificuldades relacionadas ao uso da tesoura e às técnicas de recorte, aspecto esperado considerando que muitos estudantes ainda estão desenvolvendo habilidades motoras e procedimentos específicos dessa linguagem artística. Apesar dos desafios, a atividade revelou possibilidades importantes para os próximos encontros, indicando a necessidade de ampliar experiências com colagem, recorte e composição visual, valorizando o processo de aprendizagem e experimentação mais do que o resultado final.

5. Reflexões

Apesar de ser uma sequência em sua fase inicial, foi possível perceber o fortalecimento das relações entre os estudantes e os espaços que compõem suas experiências cotidianas. A atividade de sondagem já permitiu que as crianças identificassem memórias, afetos e significados presentes em lugares

frequentemente naturalizados, como a sala de aula, o pátio escolar, os caminhos percorridos diariamente e os espaços da comunidade.

A aproximação com referências da cultura popular nordestina, arte indígena contemporânea e de patrimônios culturais paraibanos contribuirá para ampliar os repertórios visuais dos estudantes, favorecendo processos de identificação cultural e valorização dos saberes locais. Outro aspecto significativo está sendo a construção de visualidades relacionadas às experiências das próprias crianças. Os desenhos realizados durante os momentos iniciais evidenciaram diferentes formas de perceber e representar os territórios vividos.

A culminância da cartografia visual afetiva deverá não só revelar lugares e imagens significativas, mas também relações afetivas construídas entre os estudantes, a escola e a comunidade. Nesse sentido, a experiência aproxima-se da ética do amor proposta por bell hooks, ao criar possibilidades de condições para que os estudantes fossem reconhecidos em suas singularidades e tivessem suas experiências legitimadas como formas de conhecimento.

5 Considerações finais

A sequência didática *Territórios do Afeto: Arte, Memória e Cotidiano na Experiência Escolar* evidencia o potencial do ensino de Arte como prática de formação humana, capaz de promover relações entre memória, cultura, identidade e território. Fundamentada na pedagogia dialógica de Paulo Freire, na ética do amor de bell hooks e na perspectiva metodológica da A/r/tografia, a proposta busca construir experiências educativas que valorizem as vivências dos estudantes, fortalecendo seus vínculos com os espaços que habitam. A construção da cartografia visual afetiva torna-se um espaço de compartilhamento de experiências e de construção coletiva de sentidos sobre a escola, a comunidade e a cidade.

Assim, o trabalho busca reafirmar a potência da Arte-Educação como campo capaz de promover experiências de escuta, criação e pertencimento, contribuindo para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e conscientes de seu papel na construção das visualidades e narrativas que constituem a vida coletiva.

Referências:

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2021.

IRWIN, Rita L. **A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry. Vancouver:** Pacific Educational Press, 2004.

ENERGISA. **Energisa | Mitos Indígenas em Travessia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zoaoIY2fCEQ>. Acesso em: 10 jun. 2026.

FACHINI, Anne Carolinne Cunha. **Grafismos Potiguara da Paraíba: descolonizando saberes através do processo criativo na arte educação de Rio Tinto, Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia Luna Lisboa**. 2025. 248 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional – PROFARTES) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, João Pessoa, 2025.

Nome do Autor: Lorena de Albuquerque Silva
Minibiografia: Licencianda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atua como bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) no subprojeto Artes Visuais da UFPB.

ORCID: http://lattes.cnpq.br/9113170879634364
E-mail: lorena.albuquerque.1423@gmail.com